

**PALAVRA POR PALAVRA:
O ESTUDO DO LÉXICO
NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Márcia Suany Dias Cavalcante (UERJ/UEMA)
marciasuany@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo verificar o papel que o léxico ocupa na escola, especificamente, nas aulas de língua portuguesa. Para isso, é feito um estudo do livro didático por este constituir muitas vezes o único material de apoio do aluno e do professor. A obra investigada integra uma das coleções selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2012 a 2014), na qual se procurou perceber as funções que o léxico tem para o aprimoramento da competência linguística do aluno do ensino médio, buscando compreender as características desse nível de ensino, a função da disciplina de língua portuguesa e o perfil dos discentes/usuários. Com isso, pretendeu-se evidenciar a importância da escolha do livro didático, que deve ser motivada e oriunda de um intenso processo de discussão. Contribuíram para esta pesquisa os estudos de lexicologia do português de Basílio (1991, 1996, 2006), Vilela (1994), Barbosa (1996, 2001), Biderman (2001), Henriques (2011) e Antunes (2012) e os documentos oficiais – LDB, PCN, PCNEM e OCN. Observa-se que a recolha e análise dos dados coletados pretendem ser, antes de qualquer coisa, o início para reflexões sobre o ensino do léxico e o sujeito da aprendizagem numa perspectiva sociodiscursiva da língua.

Palavras-chave: Léxico. Ensino. Livro didático.

1. Introdução

O léxico corresponde ao conjunto das unidades vocabulares de uma dada língua e que está sujeito a ampliações e renovações. A história da linguagem e os processos de criação de palavras apontam para a ratificação de que é próprio das línguas mudarem num processo ininterrupto e, muitas vezes, imperceptível, uma vez que a língua está em permanente evolução e os usuários a conhecem num estado atual (sincrônico). Nessas

mudanças, muitas palavras são incorporadas e outras caem no desuso, tornando-se obsoletas.

O conjunto de palavras de uma língua, embora não fechado, tem a importância de caracterizar o perfil de seus usuários. É uma espécie de reflexo da cultura dessa língua, revelando interesses, costumes, crenças, ideologias e comportamentos diversos. É, ainda, elemento dessa própria cultura, que se transmuta segundo o tempo, o espaço, a camada ou situação social, constituído por não estaticidade, apontando, portanto, para a individualidade e a lógica de cada língua. O acervo lexical retrata a experiência humana acumulada, assim como a inserção de novas experiências e dos novos modos de pensar e agir.

Para elaborar enunciados, busca-se nas palavras a melhor forma de dizer. São elas que materializam as intenções comunicativas e, de certa forma, mostram a competência lexical de determinado falante/usuário. Os estudos lexicais se debruçam sobre essas e tantas outras questões que evidenciam como o conhecimento do léxico é fundamental para que os usuários de língua materna aprimorem sua competência linguística.

Paralelamente, a formação do professor não perpassa pela lexicologia, ficando, conseqüentemente, o ensino do léxico em posição marginal nos programas escolares. Na universidade, a abordagem das questões lexicais acontece, principalmente, nos cursos de pós-graduação, restringindo, portanto, o público a que tem acesso a esse conhecimento. Ainda se privilegia o ensino da palavra sob os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos de forma isolada e, muitas vezes, descontextualizada. Conseqüentemente, o tratamento dado ao léxico na escola é quase irrelevante mediante o espaço que a gramática ocupa nas aulas.

O presente trabalho se detém sobre o papel que o léxico ocupa na escola, especificamente, nas aulas de língua portuguesa. Para isso, tem como ponto de partida o livro didático que constitui muitas vezes o único material de apoio do aluno e do professor. A obra selecionada é *“Português: Contexto, Interlocução e Sentido”*, volume 1, que integra uma das coleções selecionadas pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2012 a 2014). A recolha e análise dos dados coletados pretendem ser, antes de qualquer coisa, o início para reflexões sobre o ensino do léxico e o sujeito da aprendizagem numa perspectiva sociodiscursiva da língua.

2. *Considerações teóricas*

A língua é um sistema com dupla função: uma de classificação e a outra de comunicação. Segundo Basílio (2006, p. 9), o papel do léxico está ligado a essas funções. Assim, esclarece:

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção dos enunciados.

Além disso, por ser um sistema aberto, à medida que necessidades comunicativas pontuais se manifestam, é possível passar por expansões. Há nele intrínsecas estruturas que permitem o manuseio para inserção de palavras perfeitamente ajustáveis ao sistema vigente, seja por construções com elementos da própria língua ou por empréstimo de outras.

As duas disciplinas tradicionais que estudam o léxico são a lexicologia e a lexicografia, que de maneira distinta têm como fundamento a descrição do léxico.

A lexicologia é o estudo da palavra. É uma ciência antiga, na qual suas bases teóricas estão voltadas para a classificação e a formação da palavra. Segundo Biderman (2001, p. 16), tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Assim, estuda as palavras de uma determinada língua em variados aspectos, dentre os quais estão presentes os morfológicos e semânticos.

A lexicografia é a ciência dos dicionários. É também definida como uma arte ou uma técnica. Assim, é uma área científica que tem por objeto de estudo os problemas teóricos e práticos advindos da confecção de dicionários. Biderman (2001, p. 17) diz que a análise da significação das palavras tem sido o objeto principal da lexicografia.

Outra ramificação de estudo lexical, que vem se consolidando nos últimos anos, é o que chamamos de terminologia. Esse campo de estudo se ocupa de grupos de palavras exclusivos que estão relacionados a uma área específica do conhecimento humano.

Nesse estudo, o campo de observação e análise se insere nos domínios da lexicologia, buscando, portanto, nos pressupostos teóricos dessa ciência os critérios para o estudo do léxico nas dimensões morfológica, semântica e textual-discursiva para verificar qual o tratamento dado a essas questões no livro didático de língua portuguesa do ensino médio.

Observa-se a importância de se ter a noção do que seja a palavra, uma vez que o repertório lexical de uma língua é formado por palavras. Essa definição, embora já tenha sido objeto de muita discussão e dissenso acadêmico, orienta o foco dos estudos lexicais. Inclusive, Biderman (2001) informa que a concepção de palavra já fora renegada por muito tempo pelos estruturalistas, pela sintagmática e pelos gerativistas.

Para Biderman (2001, p. 114), o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto, pois considerando a hipótese de Sapir-Whorf⁴³ cada língua recorta a realidade de forma diferente, criando categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas. Assim, palavra é uma unidade psicolinguística que se materializa no discurso de forma individualizada, estando entre uma unidade mínima gramatical significativa (o morfema) e uma unidade sintagmática maior (o sintagma).

Uma alternativa possível para a compreensão do que seja palavra, entendendo-a como sinônimo de vocábulo, é a conjugação de dois critérios: espaços em branco e mobilidade posicional. Nesse sentido, Henriques (2007, p. 8) esclarece:

Pelo primeiro deles, uma frase como “Os artistas trabalham bem” apresenta quatro vocábulos, marcados por intervalos que são as pausas de entonação ou as pausas gráficas (os espaços em branco), estejamos na linguagem oral ou escrita, respectivamente. Pelo segundo, poderemos investigar se dado segmento pode ou não apresentar outro posicionamento frasal. Em “in + feliz” há um único vocábulo, pois essa ordem é irreversível. O mesmo ocorre em “caneta + tinteiro” ou “passa + tempo”. Opostamente, em construções do tipo “leve + a”, “mexa + se”, tal não acontece: é possível dizer “a leve”, “se mexa”. Conjugando-se os dois critérios, veremos que “Os artistas trabalham bem” realmente possui quatro vocábulos, pois, além da possibilidade de pausa, há uma mobilidade posicional. A frase poderia ser “Os bons artistas não trabalham sempre bem”.

As palavras, sem controvérsias, são a matéria-prima que corporizam as ações humanas de linguagem. No livro didático *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*, vol. 1, palavra é definida como unidade linguística de som e significado que entra na composição dos enunciados da língua. Nesse sentido, entende-se a palavra como elemento constitutivo de um movimento de interlocução real no qual os sujeitos envolvidos estão inseridos num contexto específico. Esse conceito associa a forma

⁴³ Essa teoria insiste no fato de que a própria percepção que o indivíduo tem da realidade, de certa forma, é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, pois as categorias existentes nessa língua o predispoem para certas escolhas de interpretação do real (BIDERMAN, 2001, p. 110).

apenas à realidade acústica, o que pode marginalizar a escrita enquanto materialidade do signo linguístico.

Neste trabalho, palavra é entendida como unidade léxica constituinte de um contexto sociodiscursivo, portanto deve ser analisada amplamente a partir dos critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, sendo que o foco de observação tem por fim último a construção de sentidos no discurso.

3. *Os documentos oficiais e o ensino de língua materna*

O atual ensino básico, previsto constitucionalmente, é pautado pelas *Diretrizes Curriculares Nacionais* que reúnem princípios, fundamentos e procedimentos, definidos pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), para orientar as políticas públicas educacionais dos entes estatais (união, estados, distrito federal e municípios) na propositura, implementação e avaliação dos currículos escolares.

Como etapa final da educação básica, o ensino médio é um direito social de cada pessoa, e dever do Estado na sua oferta pública e gratuita a todos. Apresenta uma organização curricular estruturada em áreas de conhecimento, sendo a primeira delas a de linguagens. Parte integrante do componente obrigatório de ensino está, conforme define a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, o estudo da língua portuguesa, que deve ser entendida como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (PCNEM, 1998), a linguagem é entendida como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, utilizando sistemas arbitrários de representação adequados a uma dada sociedade. Nesse sentido, a produção de sentido é a razão de todo ato de linguagem.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* compreendem ainda que a dialogicidade das linguagens exige uma visão muito além do ato comunicativo superficial e imediato. Assim, os significados existentes em cada particularidade devem ser retomados a partir de aspectos históricos, sociais e culturais que circulam cotidianamente. Quanto às questões lexicais, os parâmetros orientam para uma resignificação do ensino. Segundo esse documento (1998, p. 83):

O trabalho com o léxico não se reduz a apresentar sinônimos de um conjunto de palavras desconhecidas pelo aluno. Isolando a palavra e associando-a

a outra apresentada como idêntica, acaba-se por tratar a palavra como portadora de significado absoluto, e não como índice para a construção do sentido, já que as propriedades semânticas das palavras projetam restrições seletivas. Esse tratamento, que privilegia apenas os itens lexicais (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios), acaba negligenciando todo um outro grupo de palavras com função conectiva, que são responsáveis por estabelecer relações e articulações entre as proposições do texto, o que contribui muito pouco para ajudar o aluno na construção dos sentidos.

Assim, no desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, o tratamento lexical deve acontecer de forma abrangente. Os parâmetros enfatizam que o conhecimento não pode ser fragmentado e que a análise das palavras não seja de forma isolada e dissociada das relações possíveis no contexto discursivo.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* evidenciam a dinamicidade da língua e reconhecem que a análise lexical pode favorecer o aprimoramento das competências gramatical e interativa uma vez que pela observação das palavras pode-se compreender o contexto de uso e, portanto, o léxico mais adequado a ele. Com isso, o aluno passa a ter consciência de suas escolhas vocabulares e suas implicações para as intenções discursivas.

As *Orientações Curriculares Nacionais* – OCN (Brasil, 2006) de língua portuguesa também situam os estudos para a dimensão do texto/discurso, afirmando que o processo de produção e/ou recepção de textos, na dimensão linguística, está vinculado aos recursos linguísticos em uso: fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Sendo que, associados a outros recursos, propiciem que o texto seja processado pelo aluno sempre em relação a um dado contexto.

Complementarmente, o *Guia de Livros Didáticos PNLD 2012* (Brasil, 2011) ratifica o papel central da língua e da linguagem na vida do indivíduo. Assim, o ensino de língua portuguesa deve contribuir para a formação do cidadão pleno, preparando-o para o prosseguimento dos estudos e para o mercado de trabalho. No mesmo sentido, as *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (Brasil, 2013) assinalam para uma formação humana integral, na qual o ensino tenha unidade e maior relação com o projeto de vida dos estudantes. Para isso, dentre outras, deve-se valorizar a leitura e a escrita em todos os campos do saber. Logo, o desenvolvimento das proficiências oral e escrita, assim como a reflexão e sistematização dos conhecimentos linguísticos, é condição para que o aluno esteja integrado à vida social e à cultura letrada.

4. O sujeito da aprendizagem

O público-alvo do ensino médio é composto por uma heterogeneidade juvenil que busca integração a uma sociedade desigual. Nas redes públicas de ensino, os alunos são, em sua grande maioria, de origem popular. Eles vivenciam uma etapa de vida na qual têm de tentar conciliar os estudos e a inserção no mundo do trabalho. Dessa forma, como sujeito da aprendizagem, ou seja, alguém apto a interagir e agir no seu processo de conhecimento, eles apresentam um perfil próprio que deve ser observado nas práticas escolares.

As DCNEM (Brasil, 2013) dizem que o jovem do Ensino Médio deve ser visto como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Nesse sentido, indo além da visão de que a juventude é uma fase de transitoriedade, o ensino deve ocupar-se da formação desse indivíduo no momento presente e não apenas com o seu “vir a ser”, proporcionando, portanto uma aprendizagem de fato significativa.

Considerando o perfil do discente do ensino médio, o *Guia de Livros Didáticos PNLD 2012* observou que a escola tem os seguintes desafios básicos:

- acolher o jovem em sua condição específica, colaborando para o processo de construção de sua plena cidadania e, portanto, para sua inserção social e cultural;
- reconhecer os limites e possibilidades do sujeito adolescente, propiciando o suporte necessário para o desenvolvimento de estratégias eticamente legítimas e socialmente bem sucedidas de subjetivação.

As *Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (2006) recomendam que a escola seja pensada a partir de sua própria realidade e privilegiando o trabalho coletivo. Além disso, o currículo deve expressar o conceito que a escola tem de seus alunos, portanto deve ser elaborado para eles e com eles. Essa visão insere o indivíduo no processo ensino-aprendizagem, atribuindo-lhe o *status* de sujeito.

Partindo desses pressupostos, observa-se a importância da escolha do livro didático, que deve ser motivada e oriunda de um intenso processo de discussão. Compreender as características do Ensino Médio, o papel da disciplina de língua portuguesa e o perfil de seus usuários é um bom começo. O *Guia de Livros Didáticos do PNLD/2012 de língua portuguesa do ensino médio* (2011, p. 6) afirma que seu objetivo é

[...] colaborar para que nossas escolas promovam uma escolha qualificada do livro didático de português, ou seja, uma escolha motivada por um processo de discussão o mais amplo e criterioso possível. É uma boa forma de dar início a esse processo é resgatar, em suas linhas gerais, as características do ensino médio e o papel específico de uma disciplina como língua portuguesa nesse nível de ensino.

Nesse sentido, o guia pretende colaborar para o momento de transição que estamos passando, evidenciando o esforço das coleções aprovadas em atender os princípios delineados, dentre eles, ressalte-se, a interdisciplinaridade e a contextualização, pelos documentos oficiais, assim como a de ofertar um ensino diversificado que atenda à heterogeneidade e pluralidade de condições, interesses e desejos dos discentes.

5. Descrição e análise do corpus coletado

O livro analisado *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*, volume 1 tem três autoras. A obra está organizada em subáreas – literatura, gramática e produção de texto. Para a compreensão das questões léxico-textuais, as autoras apresentam alguns conceitos que norteiam o processo ensino-aprendizagem dos alunos, buscando, de certa forma, dar início às reflexões sobre a importância das palavras para a apreensão do sistema linguístico enquanto instrumento de interação entre o sujeito e o mundo. Dentre outros, temos os conceitos de palavra, língua, signo linguístico, neologismo, empréstimos lexicais, texto, contexto, discurso, dentre outros.

Assim, analisando de forma ampla as questões lexicais presentes nesse livro, procurou-se perceber as funções que o léxico tem para o aprimoramento da competência linguística do aluno do ensino médio. Noções sobre variação vocabular, estrutura e formação de palavras, relações de sentido, renovação e expansão do léxico, gênero textual e contexto nortearam os caminhos para a classificação de 5 grupos de relações lexicais que são apresentadas a seguir.

5.1. O léxico e a formação de palavras

Os processos de formação de palavras utilizam fórmulas padronizadas para dar forma às novas palavras, ou seja, recorre aos elementos já existentes no próprio sistema lexical da língua. Por meio desses elementos é possível apreender a estrutura das palavras, seja reconhecendo-as ou

criando-as. Pode-se afirmar, portanto, que o principal recurso criativo lança mão dos elementos mórficos do vocábulo, seja pelo mecanismo composicional ou pelo mecanismo derivacional. Além dos processos de composição e de derivação, há processos especiais, como, dentre outros, a regressão, a abreviação, os neologismos e os empréstimos.

Basicamente, quanto à estrutura e formação de palavras, o livro concentra o conteúdo em 3 capítulos (19, 20 e 21). Neles são apresentados os elementos mórficos e os processos de formação, com ênfase na composição e na derivação. As autoras utilizam vários gêneros textuais, como tiras, trechos de notícia/crônica de jornal/revista, fragmentos de livros, cartum, anúncio publicitário, além de inúmeras exemplificações na exposição do conteúdo.

Os textos funcionam como objeto de análise linguística, sendo que a identificação da estrutura e da formação de palavras não acontece de forma isolada. Busca-se uma integração com os significados, os efeitos de sentido, o contexto, a substituição, o diálogo entre o texto verbal e não-verbal, a adequação, o uso corrente, as intenções, o jogo semântico e a criatividade no uso do léxico. Vejamos a seguinte atividade proposta na p. 332 do livro analisado:

As questões de 4 a 7 referem-se ao texto a seguir.

Gente superfaturada

[...] O verbo “superfaturar” [...] anda tão valorizado nos últimos anos, tão exposto na cobertura de sucessivos escândalos, que vem tentando virar aquilo que não é: um sinônimo perfeito de “exagerar” ou “superestimar”. Dificilmente atingirá seu objetivo, mesmo em sentido figurado. “Faturar” é um verbo enraizado demais no campo da economia.

Apesar de tudo, ele faz o que pode. Dia desses, uma notícia de grande destaque na imprensa carioca informava que o governo Anthony Garotinho está sendo acusado de “superfaturar em 50%” o número de pessoas alfabetizadas no estado de 1999 a 2002. Doe. “Superfaturar” significa “cobrar preço excessivamente alto” ou “expedir fatura de venda com preço acima do realmente cobrado”. É possível superfaturar gente, sim, mas só em regimes escravocratas.

RODRIGUES, Sérgio. Coluna Língua Viva. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 ago. 2002. (Fragmento)

4. O texto transcrito centra-se na discussão do uso do verbo **superfaturar**. Explique a formação dessa palavra.

➤ Qual o sentido atribuído ao prefixo *super*?

5. Sérgio Rodrigues aponta, em seu texto, um uso equivocado desse verbo. Em que consiste esse equívoco, segundo o autor?

➤ Explique por que tal uso é inadequado.

6. O que explicaria, do ponto de vista semântico, esse equívoco?

7. Explique por que Sérgio Rodrigues afirma que “superfaturar gente” só seria possível em regimes escravocratas.

A atividade com base no texto “Gente superfaturada” proporciona uma interessante reflexão lexical, pois explora a significação, a formação, a adequação, a classe gramatical e o contexto da palavra “superfaturar”. Com isso, o aluno pode perceber o valor semântico do léxico escolhido para a representação de uma categoria cognitiva e ainda como há sua adequação de acordo com a intenção comunicativa. A atualidade da palavra possibilita também uma discussão das questões políticas e éticas da sociedade brasileira, proporcionando a cada aluno um (re)pensar de seus próprios valores, do grupo ao qual pertence e, ainda, da sociedade que deseja ajudar a construir.

5.2. O léxico e as relações semânticas

O significado de uma palavra pode estabelecer inúmeras relações com outras palavras e, inclusive, com o próprio significante. Na aproximação semântica de uma palavra com outra, o conhecimento do léxico permite reconhecer as relações, por exemplo, de sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, homonímia e paronímia.

O livro analisado aborda todas essas relações. A homonímia e a paronímia estão numa seção que trata das convenções ortográficas, na qual são apresentados os conceitos seguidos de exemplificações. Não ocorre a exploração desse léxico no texto, restringindo as reflexões dessas relações. A sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia são apresentadas numa seção intitulada relações lexicais, que oferece, além de conceitos e exemplos, textos de gêneros variados para a compreensão do léxico em ação discursiva.

Para explicar a ideia de campo semântico (quando ocorre no texto a presença de vários termos relacionados a um mesmo conceito), as auto-

ras recorrem a um fragmento de Luis Fernando Veríssimo que recupera a ideia de “ser extraterrestre” por meio de várias palavras ou expressões (p. 260). Veja:

Piada

Não faltam piadas sobre hipotéticos *extraterrenos* e suas reações às esquisitices humanas. Tipo “o que não diria um *marciano* se chegasse aqui e...” Como já se sabe que Marte é um imenso terreno baldio onde não cresce nada, o proverbial *homenzinho* verde teria que vir de mais longe, mas sua estranheza com a Terra não seria menor. Imagine, por exemplo, um *visitante do espaço* olhando um mapa do Brasil e depois sendo informado de que um dos principais problemas do país é a falta de terras. *Nosso homenzinho* teria toda razão para rolar pelo chão gargalhando por todas as bocas.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Novas comédias da vida pública: a versão dos afogados*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 115. (Fragmento).

Nesse exemplo, é importante dizer ao aluno, para além dos conceitos, que o conhecimento do campo semântico em questão contribui para a estruturação textual em virtude de recorrer ao léxico como instrumento de relações de coesão e coerência. E, ainda, que esse pode (e em alguns casos, deve) ser um recurso amplamente utilizado nas produções textuais.

5.3. O léxico e as relações contextuais

O texto é um lugar de correlações, portanto é necessário que o aluno/leitor analise as estratégias ou operações que são produtoras de sentido. Para que o texto signifique algo, deve acontecer a interação autor – texto – leitor, que se dá por meio da recuperação de uma série de informações linguísticas e extralinguísticas.

As condições em que o texto foi produzido (o contexto) norteiam as possibilidades de sentido, portanto conhecer, por exemplo, sobre o autor, a intenção discursiva, o momento sócio-histórico, dentre outros, é uma estratégia útil nas práticas de leitura. Com efeito, além das pistas extralinguísticas, tem-se o contexto de informações metalinguísticas, ou seja, aqueles conhecimentos de convenções e estruturas linguísticas.

As relações contextuais entrelaçadas ao léxico resultam em alguns “fenômenos” relevantes para a compreensão textual. É no texto que eles se manifestam: a polissemia, a ambiguidade, o sentido literal, o sentido figurado, a pressuposição, a inferência, a metáfora, a metonímia, os efeitos de sentido e outros mais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tais relações estão presentes em vários momentos nos textos explicativos e nas atividades da obra analisada e, especificamente, no capítulo 15 da seção de gramática. Observe a seguinte atividade proposta a partir de uma tira (p. 254):

Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões 1 e 2.



1. Para entender a tira, é preciso identificar o contexto estabelecido em cada um dos quadrinhos. Quais são esses contextos?
 - Embora a fala das personagens seja exatamente a mesma, ela traduz um sentido diferente para cada uma das situações em que ocorre. Quais são esses sentidos?
2. Explique por que a identificação do contexto é fundamental para a compreensão do sentido do enunciado “Essa vassoura está me matando”.

Essa atividade evidencia as situações de interlocução e exploram as significações possíveis das palavras e expressões. É muito comum na língua portuguesa o fato de que nem sempre as palavras são utilizadas com o mesmo sentido. Assim, esse recurso funciona como elemento da criatividade textual, especialmente nos gêneros textuais que exploram o humor, como as tiras, e a persuasão, como os anúncios. Evidencia-se que atividades dessa natureza são fundamentais para que o aluno tente se colocar no contexto de interlocução, compreendendo que os textos têm finalidades específicas e que tanto a escolha quanto a combinação do léxico determinam a mensagem expressa. Assim, ele (aluno) terá a clareza de que é necessário expandir e articular transdisciplinarmente os conhecimentos extra e metalinguísticos.

5.4. O léxico sob a perspectiva da dinamicidade e criatividade

Segundo Basílio (1991, p. 10), há uma mesma razão pela qual formamos palavras e formamos frases: a língua possui o mecanismo que sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que, consecutivamente, tende a um máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos guardados na memória. Assim, a

formação de palavras tem caráter prático, ou seja, sem acarretar a memória no sentido de guardar e mobilizar formas diferentes para cada enunciado específico, o indivíduo mobiliza palavras existentes, podendo atribuir-lhes novos sentidos, ou mesmo criar novos signos linguísticos para dados contextos.

Desse modo, a produtividade lexical sempre esteve presente na linguagem literária, na inventividade infantil e nas criações populares. Assim, o ser comunicativo está sempre expandindo seu vocabulário para atender as exigências de novas unidades de designação e construção de enunciados. Atualmente, as criações lexicais têm origens diversas. A literatura, o jornalismo, a propaganda, as charges, as histórias em quadrinhos, as letras de música, enfim, fontes variadas colaboram para a renovação do conjunto virtual de todas as unidades da língua, ocorrendo, portanto, nos registros especializados, em outros tipos de registros – oral, escrito, formal, informal – e nas diferentes variedades da língua – nacional ou regional.

O léxico nessas relações não é muito explorado no livro analisado, embora esteja presente em alguns textos que possibilitariam tal discussão. No capítulo de formação de palavras, aparecem os conceitos e ínfimos exemplos de empréstimos – *shampoo* (*xampu*), *abajur*, *sutiã*, *pinçenê*, *tens*, *e-mail*, *shopping*, *show*, *xerife*, *site*, *stress*, *xerox*, *blog*, *surfe* – e de neologismo – apenas a palavra *micreiro* retirada de um fragmento de texto de Zuenir Ventura (p. 338).

5.5. O léxico e a variação linguística

Uma forma de pensar o estudo do léxico é associando as palavras e expressões a diferentes níveis de fala. Em português, há muitas diferenças no uso da língua, especialmente na fala, que são perceptíveis no léxico, na pronúncia e na estrutura de palavras e frases. Por ser a língua dinâmica, é natural a existência de variações que decorrem de fatores como a região geográfica, o nível cultural, a idade, a classe social, o sexo e o contexto.

A parte de gramática da obra em análise inicia com a discussão sobre linguagem, língua e variação linguística. Aborda, também, as características do texto oral e do texto escrito. Junto aos conceitos, estão textos de gêneros variados, dos quais são feitas as reflexões, algumas carecendo de aprofundamento quanto ao estudo do léxico.

É válido lembrar que, conforme Coseriu (1979, p. 111), as diferenças diastráticas são particularmente acentuadas nas comunidades em que existem grandes variedades culturais entre os diversos estratos sociais e, naturalmente, naquelas onde há castas. Logo, a língua brasileira reflete grandemente essas questões, pois a diversidade é elemento intrínseco à constituição de nosso povo e de nossa cultura. Sendo assim, a escola (e o livro didático) devem atentar-se ainda mais para as relações de sentido construídas a partir de um léxico informal/coloquial, que não atende ao normativismo, mas que representa sujeitos e sua cultura.

6. Considerações finais

Considerando, assim como Barbosa (2001, p. 36), o léxico como um universo da significação e, por isso, fonte inesgotável de novos saberes, novos recortes culturais, observa-se que a escola (e o livro didático) deve ampliar as reflexões acerca de seu ensino para o aprimoramento das habilidades e competências dos alunos em formação básica.

Para isso, os estudos da lexicologia precisam ganhar espaço nas instituições de ensino, perpassando pela formação do professor de língua materna e pelas (re)formulações dos currículos e planos escolares. Essa ciência, pelo diálogo que estabelece com outras áreas dos estudos linguísticos, pode viabilizar um caminho no qual a língua é analisada na perspectiva sociodiscursiva, valorizando os elementos internos e externos ao texto e os sujeitos envolvidos no contexto interacional.

Nesse trajeto, a palavra deve ter um novo *status* nas aulas de língua portuguesa, uma vez que a partir dela o aluno tece seus dizeres/discursos e se apossa do universo cultural do qual faz parte. As práticas escolares devem atentar-se para o que está expresso nos documentos oficiais – PCN, PCNEM, OCN, dentre outros – para que possa promover um ensino capaz de propiciar ao sujeito da aprendizagem a convivência ampla com a complexidade e diversidade da língua a fim de desenvolver nele a proficiência nas diversas situações de uso concreto, tornando-o apto ao mundo do trabalho e ao prosseguimento dos estudos.

Com isso, busca-se uma aprendizagem significativa que, além da atuação consciente, dinâmica e interdisciplinar do professor, tem início na seleção do material didático. No livro didático analisado neste trabalho, observou-se que as questões lexicais são abordadas em seções específicas, caracterizando ainda um ensino compartimentado e, por muitas

vezes, fragmentado, não conexo. No entanto, comparando-o aos antigos manuais de ensino, apresenta avanços na abordagem de alguns aspectos linguísticos que tendem a afastar-se do ensino de gramática por si mesma, privilegiando o contextual e pragmático.

O léxico é tratado pelas relações semânticas que estabelece, levando o aluno a perceber que a escolha e combinação das palavras são fundamentais na construção dos textos/discursos. As autoras lançam mão de gêneros textuais variados, buscando ressaltar a dinamicidade, atualidade e criatividade da língua, embora não explorem, muitas vezes, as múltiplas possibilidades de análise que o léxico em foco oferece.

Como ressalta Antunes (2012, p. 161), o ideal – para os estudos do léxico – seria que o livro didático não fosse a única fonte do material trazido para a sala de aula, pois atualmente são um sem-número de suportes de textos, acessíveis por diversas vias e que representam a multiplicidade de modalidades e significação que as atividades de comunicação e letramento podem assumir.

Finalmente, por ainda ser uma área em expansão, há muito o que se investigar para que caminhos possíveis sejam implementados nas salas de aula. É por esse motivo que este estudo se faz necessário, constituindo uma vertente de análise que tenta aproximar o instrumento didático das necessidades do sujeito da aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE, Maria Bernadete M., PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*, vol. I. São Paulo: Moderna, 2008.

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 33-51.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Teoria lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB*. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, 2002.

_____. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 2011.

_____. *Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio*. Brasília: MEC, 2013.

_____. *PLC 98/2011 – Estatuto da Juventude*. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=930815&filename=RDF+1+%3D%3E+PL+4529/2004>. Acesso em: 06-01-2014.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.